

Jornalismo comunitário no Projeto Rondon: a prática de dar voz à comunidade¹

Caroline Maria BECCARI²
Sônia Regina Schena BERTOL³
Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

Resumo

Este artigo tem a intenção de resgatar e registrar a vivência da prática jornalística de um grupo de alunos e professores dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Passo Fundo, no Projeto Rondon. Com a missão de realizar a cobertura dos acontecimentos da Operação Forte dos Reis Magos, o grupo de participantes teve a oportunidade de realizar uma produção jornalística voltada à comunidade rondonista.

Palavras-chave: Função social do Jornalismo; Jornalismo comunitário; Cobertura jornalística; Projeto Rondon.

Introdução

A vivência da prática jornalística com um grupo de estudantes orientados por uma professora, possibilitada pelo Projeto Rondon⁴, levou-me a uma reflexão sobre as possibilidades de o jornalismo exercer de fato uma ação transformadora da realidade. Imersos em dez cidades do Nordeste brasileiro⁵ pelo período de 7 a 24 de julho de 2016, o grupo de estudantes de jornalismo da UPF – Universidade de Passo Fundo, do qual fiz parte, teve a chance de empregar na prática conceitos, numa imersão nunca antes imaginada desta atividade em uma situação sócio-histórico-cultural completamente diferente da que estávamos acostumados. Concordando com Gentilli & Oddo (2015),

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de graduação do 7. Nível do curso de jornalismo da Universidade de Passo Fundo. E-mail: carolinebeccari@yahoo.com.br

³ Professora e pesquisadora da Universidade de Passo Fundo. Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, doutorado-sanduíche na Johns Hopkins University. E-mail: sobertol@upf.br

⁴ O Projeto Rondon desde é coordenado pelo Ministério da Defesa, visa contribuir para o desenvolvimento de comunidades carentes através das habilidades de estudantes universitários.

⁵ As cidades selecionadas para esta operação do Projeto Rondon foram: Acari, João Câmara, Montanhas, Pedro Velho, Riachuelo, Rio do Fogo, São Miguel Gostoso, Serra Negra do Norte, Santana do Matos e São José de Mipibu. A equipe de comunicação teve sua sede situada no 16º Batalhão de Infantaria Motorizado, na capital, Natal, e se deslocou diariamente até os demais municípios.

minha reflexão me fez pensar que, em meio às contradições do capitalismo, que se volta ao lucro e se perde em relação ao social, o jornalismo aparece como forma de suprimento à necessidade de informações do que acontece nesse contexto de sociedade conturbada e individualizada (GENTILLI; ODDO, 2015). Para Gentilli e Oddo (2015) a tarefa do jornalismo é produzir um conhecimento sobre a vida cotidiana e, assim, permitir aos sujeitos se localizarem no grande fluxo de acontecimentos do dia-a-dia. Ou seja, o jornalista funciona como mediador entre fatos, envolvidos e espectadores, para contribuir com a transformação da realidade social. Assim, os indivíduos em contato com as informações que o jornalismo fornece pode refletir sobre o cotidiano e, até mesmo, buscar modificar a sua realidade, quando esta se revela contrária aos direitos do cidadão e a democracia, isso, através das lutas conjuntas com a comunidade envolvida, através de atos e manifestações, por exemplo.

A autora Nidiane Saldanha Perdomo, usa como base para construir a ideia da função social do jornalismo o livro “ Os Elementos do Jornalismo”, escrito por Kovach e Rosenstiel (2004 apud PERDOMO, 2015) em que registram como função primordial do jornalismo fornecer informações necessárias para que os cidadãos sejam livres e possam se autogovernar. Conceito este defendido, também, por Medina e citado por Perdomo (2015, p.15), onde todos os grupos sociais tenham a capacidade de tomar decisões de forma livre, após tomado o conhecimento claro sobre as situações por meio do jornalismo.

Para Teodoro (2015), o jornalismo é um campo construtivo, no qual deve ser considerado o esforço do jornalista que, além de agregar à notícia o valor de noticiabilidade, consegue o valor de serviço, ou seja, além de útil pelo seu valor como fato é, também, útil pelo seu impacto direto na vida das pessoas. Esse valor agregado, de utilidade, “gera uma nova compreensão das funções da notícia e do jornalista na sociedade: a socialização da informação transforma-se em saber, o que possibilita progressos políticos e sociais” (TEODORO, 2015, p.4).

Teodoro ainda avança no tema e traz à discussão as ideias de Arrueta e Fernandes (2013) que, em caráter de aviso, afirmam que o papel social do jornalista está em transformação. Isso, principalmente, se revela na diminuição da prática de um jornalismo informativo para um jornalismo mais interpretativo e literário. Um jornalismo que aprofunda o fato. Assim, os jornalistas devem visar a atuação decisiva

na propagação de atitudes mais democráticas, pois “a informação tem uma função social relevante e é capaz de estimular o caráter plural de qualquer democracia.” (ARRUETA; FERNANDES, 2013, p. 11 apud TEODORO, 2015, p. 4-5)

Neste estudo o que proponho é, em primeiro lugar, registrar a prática do trabalho jornalístico; compreender o conceito de jornalismo comunitário; proporcionar a discussão acerca da real condição de praticar esse jornalismo comunitário através da aplicação nessa experiência; e, por fim, o legado indelével que a participação no Projeto Rondon talhou em meu próprio perfil de jornalista.

Assim, no Capítulo 1 deste estudo discorrer-se-á sobre a função social do jornalismo comunitário, aprofundar este conceito de prática da profissão do jornalista através de embasamento teórico, buscando entender as características que marcam esse modo de fazer notícia que se alimenta da comunidade e gera frutos como retorno.

No Capítulo 2 busquei discorrer sobre a experiência imensurável obtida na Operação intitulada Forte dos Reis Magos, do Projeto Rondon. Uma equipe de jovens universitários, sob coordenação de duas professoras da Instituição Universidade de Passo Fundo, da qual fiz parte, percorreu dez municípios do estado do Rio Grande do Norte, selecionados pelo baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), e, mais a capital, Natal, sede da equipe de comunicação, para registrar, documentar, e, principalmente, divulgar as ações e as marcas promovidas por este projeto na região. Foram dias de abnegação, dedicação e trabalho de uma equipe que se comprometeu com a informação além do factual, mas, preconizou a comunidade, buscando realizar uma cobertura jornalística humanizada em que a voz da comunidade rondonista fosse ouvida pelos canais de mídia do projeto em cada canto do território nacional.

Hoje acredito ser possível afirmar que o jornalismo produzido pela equipe de comunicação da UPF abraçou a comunidade e que a narrativa humana das atividades, lugares, pessoas que mantiveram contato com o projeto durante a operação Forte dos Reis Magos, ao meu ver, foi decisiva para um retrato coerente de cada detalhe sociocultural da região. Para entender se a cobertura jornalística se adapta ao conceito de jornalismo comunitário discorrer-se-á acerca da construção da definição desse fazer jornalístico, portanto.

Jornalismo Comunitário e sua função perante a sociedade

O jornalismo e a sociedade são como amálgama, uma mistura, uma união em que as ações de um geram reflexos no outro (PERDOMO, 2015). Cada jornalista tem uma responsabilidade para com a sociedade tão arraigada que é dever deste profissional não permitir que a força da lógica econômica prevaleça sobre a democracia.

Se o jornalismo age tão incisivamente na vida em sociedade um princípio prezado pelo profissional é a ética em suas ações. Perdomo cita:

O jornalismo proporciona tantos dilemas a seus profissionais porque tem em sua base o conflito e a pluralidade entre diferentes pontos de vista, e deve sempre manter um caráter idôneo para não perder a credibilidade que lhe outorga sua função dentro da democracia. (PERDOMO, 2015, p.17)

São tantos os desafios a serem enfrentados pelos jornalistas no que tange a tentação econômica e a linha editorial a que estão sujeitos. Mas para que a profissão possa fazer valer posição de defensora da democracia, acredita-se que jornalistas devem ter a ética como pilar de seus produtos jornalísticos. A função social que o jornalismo possui vai além de contar fatos da vida cotidiana, o jornalista pode não ser um super-herói que salva a população com notícias, mas é portador da munição que faz com que cada indivíduo na sociedade possa ser ou fazer mudança no contexto em que vive, a informação.

O nome dado ao espaço de mudança em que o jornalismo pode atuar incisivamente e proporcionar ainda mais democracia através da informação é a comunidade. Jornalismo comunitário, além de um conceito da profissão, é um modo de fazer jornalismo com e para a comunidade, a fim de valorizar a cultura de cada povo, e mais, proporcionar aos cidadãos um sentimento de pertencimento ao local social em que está inserido e, conseqüentemente, parte da informação que é extraída daquele lugar. O jornalismo comunitário abraça muitos dos princípios que a profissão detém para ser útil à sociedade, o papel social que tanto falamos.

O jornalismo tem a capacidade de produzir registro histórico através dos fatos noticiados no presente, servindo, inclusive, como importante fonte documental que embasa estudos de diversos campos do conhecimento. Raquel Paiva (p. 62, 2006) enfatiza que “para o bem ou para o mal, esse lugar alcançado pelo jornalismo define

quem somos”. Se a profissão de comunicadores oferece a possibilidade de retratar a história de um povo, muito mais do que receptores do produto midiático a comunidade passa a ser protagonista e em conjunto participantes do processo de construção do jornalismo e conseqüentemente do registro de sua biografia.

Esses relatos sociais que contam com a presença enfática da comunidade há 10 anos eram temáticas esquecidas pelos profissionais do jornalismo, segundo Raquel (2006). Para a autora os estudos e a prática de narrativas inclusivas, que dão lugar ao comunitário, iniciaram nas décadas de 60 e 70, no que tange a América Latina. Já entre os anos de 80 e 90 diminuí, ainda mais, a ênfase na temática comunitária. Mas para Paiva, em 2006 o cenário se modificou e a comunicação comunitária despontou em todo o mundo e de maneira bem intensa no Brasil (PAIVA, 2006). Dado um breve histórico da prática dessa forma de jornalismo que envolve a população, cabe uma definição, um conceito de “jornalismo comunitário”, o assunto base desse artigo. Para a construção deste conceito Sequeira e Bicudo (2007) reuniram em seus estudos as opiniões e definições de três grandes autores do campo da comunicação, são eles: Felipe Pena, José Marques de Melo e Pedro Celso Campos.

Para Felipe Pena o jornalismo comunitário consiste em um instrumento de mobilização social. Também, tal proposta de fazer jornalístico deve atender as demandas da cidadania e o profissional precisa ter um olhar da comunidade, que represente o envolvimento dele com aquela população e transferir esse sentimento de pertença para as notícias, os materiais que vir a produzir. Em complemento dessa ideia Marques de Melo afirma que para a comunicação ser considerada comunitária é preciso a participação dessa comunidade, o jornalismo feito por e para a comunidade. Já Campos, em entrevista para Sequeira e Bicudo, traz para a discussão o cenário atual de produção jornalística que abrange uma tecnologia avançada que modificou as formas atuais de interação e produção, mas, que não elimina os interesses comunitários. A demanda da comunicação comunitária continua como um espaço de voz para os excluídos e um instrumento de organização e resistência na sociedade. Enfatiza o caráter de proximidade que o jornalismo comunitário detém. (SEQUEIRA; BICUDO, 2007)

A partir da contribuição desses três autores e suas definições Sequeira e Bicudo formularam cinco características que marcam o jornalismo comunitário.

As três referências teóricas nos dão as pistas para identificar pelo menos cinco características marcadoras do jornalismo comunitário, responsáveis por garantir ao segmento personalidade, autenticidade e registros muito nítidos de uma carga genética (“DNA”) exclusiva: a) valorização da realidade local; b) participação da comunidade durante todo processo de produção; c) consagração das ideias da mobilização e da transformação; d) resgate de um viés pedagógico e educativo; e) articulação com a produção independente e de resistência (SEQUEIRA; BICUDO, 2007, p. 9).

O local é quem dá as pautas no jornalismo comunitário. E a proximidade do jornalista com a comunidade facilita a troca de informações, justamente esse diálogo faz com que o material produzido reflita a realidade daquela população, assim, as pessoas se veem de fato representadas no produto jornalístico final. Esse fazer comunitário é como um resgate do objetivo inicial da profissão que nasceu, justamente, para romper barreiras dos segredos da Idade Média. O comunitário não enfatiza o “furo” da notícia, mas se preocupa em compartilhar conhecimento e socializar problemáticas específicas da comunidade (SEQUEIRA; BICUDO, 2007).

A prática de tal jornalismo ligado e preocupado com a comunidade tem uma função social de extrema relevância que é, conforme Sequeira e Bicudo (2007), “democratizar a informação e incentivar ações de cidadania”. Essa ideia é complementada por Ribeiro e Ortiz (p. 4) na medida em que concluem o jornalismo comunitário como agente na busca do resgate da identidade individual e coletiva da sociedade na qual está inserido esse cidadão. Ou seja, valoriza a cultura local ao despertar no sujeito da comunidade o sentimento de pertencimento a esse nicho social. Além disso, para eles a prática do jornalismo comunitário dá a possibilidade de a “comunidade ser sujeito e não apenas objeto da comunicação” (p. 10). Afinal, o próprio jornalista vê com os olhos da comunidade.

É necessário entender o processo de construção da comunicação comunitária em que o respeito às diferenças e o pensamento coletivo são base. Para construir uma comunicação bilateral conhecer a comunidade é prática fundamental. Detectar as lideranças para conhecer através delas os ideais, a vivência em comunidade e a identidade cultural, para Ribeiro e Ortiz, compõe o processo de construção do jornalismo comunitário com eficácia. Com essa ênfase na comunidade e em suas tradições e vivências o jornalismo age como promotor de autoestima do cidadão em relação a cultura local, é a valorização das características únicas de um povo (RIBEIRO; ORTIZ).

O retrato da comunidade através do jornalismo pode, portanto, remeter ao Projeto Rondon, coordenado pelo Ministério da Defesa. Universitários, professores, as Forças Armadas Brasileiras e, principalmente, a população dos municípios que recebem o projeto se transformam em uma comunidade, a comunidade rondonista. Fazer comunicação com e para essa coletividade, acredita-se, revela o mais intrínseco propósito do jornalismo comunitário, dar voz para pessoas, contar histórias, multiplicar ações.

Cobertura jornalística do Projeto Rondon: a voz da comunidade rondonista em texto, som e imagem

No dia 6 de julho de 2016 oito estudantes universitários e duas professoras da Universidade de Passo Fundo embarcaram para uma experiência jornalística nunca antes vivenciada por nenhum grupo, do curso de jornalismo da universidade, no Projeto Rondon. A missão de imergir na vivência da comunidade rondonista, para registrar em texto, som e imagem cada ação, realizada em comunhão entre rondonistas, população local e integrantes do exército, mobilizou o espírito humanitário dos futuros jornalistas e publicitários do grupo, e, além disso, permitiu o contato desses com o jornalismo comunitário. Comunidade, então, pode ser definida como palavra fundamental enraizada desde os primórdios no Projeto Rondon.

Coordenado desde 2005 pelo Ministério da Defesa, o Projeto Rondon surgiu em 1967, quando uma equipe de 30 universitários e dois professores pisaram em solo amazonense para conhecerem de perto a realidade da região e entender no que a comunidade acadêmica poderia colaborar para o desenvolvimento da localidade. O nome do projeto deu-se em homenagem à Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, um militar bandeirante, verdadeiro desbravador e homem que exerceu em suas ações o espírito da coletividade. O objetivo do projeto é aflorar o sentimento de cidadania nos estudantes universitários e contribuir com o desenvolvimento sustentável, o bem-estar social e a valorização da cultura de comunidades com baixo índice de desenvolvimento, isso usando as habilidades universitárias. A dedicação do primeiro grupo de indivíduos preocupados com o bem-estar da nação inspira, até hoje, os rondonistas de cada operação do Projeto Rondon.

Não foi diferente com os selecionados para a Operação Forte dos Reis Magos, que aconteceu em dez cidades, mais a capital, no estado do Rio Grande do Norte. Foram 20 Instituições de Ensino Superior (IES), com grupos de 8 alunos e coordenados por 2 professores, que somados a equipe de comunicação totalizaram 210 rondonistas. A abertura oficial ocorreu no dia nove de julho, no auditório da Escola de Governo de Natal, mas a operação havia iniciado bem antes, pois, ainda espalhados pelo Brasil, os rondonistas se reuniam para construir atividades, preparar oficinas, confeccionar materiais. Já o Ministério da Defesa em conjunto com as Forças Armadas - Exército, Aeronáutica e Marinha - organizavam a estrutura para locomoção dos rondonistas e acessibilidade aos municípios participantes, estes, por sua vez, preparavam sua cidade e seus corações para receber jovens universitários entusiasmados para doar e receber conhecimento em uma troca de experiências imensurável, a qual resultou em um montante considerável de produtos jornalísticos e pode, também, ser avaliada pelos números abaixo, sobre os quais a seguir também faremos a reflexão tanto de sua concepção quanto de seus resultados:

Tabela 1: Atividades realizadas

Atividades realizadas pela ComSoc UPF na OFRM	Nº produtos
Textos para o site	35
Cards para o facebook	45
Gif para facebook	20
Foto legenda para facebook	10
Twitter	200
Fotos Instagram	100
Álbuns de fotos para o Facebook	06
Banner rotativo para o site (para as duas operações)	03
Vídeos YouTube e Facebook	50
Teaser para rádios locais	01
Anúncios para rádios locais	10
Exposição de fotos recepção (IES)	21
Exposição de fotos no encerramento (IES, Coordenação, Militares de Ligação e Comando do Batalhão)	40

Entrega de CDs para IES, Coordenação (vídeo de encerramento e alternativo)	30
Entrega de fotos tratadas para a COMSOC do 16 BIMTZ	50
Vídeo de Encerramento	01
Vídeo Alternativo	01
Clipping	01
Total de Registros Fotográficos	9.000
Participação vídeo institucional	01
Release para mídias de Passo Fundo e Região	10
Reportagens da Operação na UPF TV	04

Fonte: Relatório da ComSoc Operação Forte dos Reis Magos por Nadja Hartmann e Ana Maria Migott (2016)

A equipe de comunicação, ainda em solo passofundense, refletia acerca de projetos de ação para realizar durante a cobertura. Projetos esses, que unissem a técnica jornalística e a humanização, um jornalismo muito além da mera descrição dos fatos, um jornalismo feito em conjunto com a comunidade rondonista. A meta era fazer a Operação Forte dos Reis Magos ser vivenciada até mesmo por quem não estava no local, através de seus canais midiáticos, e conseguir com que cada membro da comunidade rondonista da operação enxergasse seu trabalho, sua cultura, suas histórias e emoções registradas e compartilhadas. Com propósitos estabelecidos e com concepções teórico-metodológicas derivadas do jornalismo comunitários, portanto, o grupo partiu para a execução de seu plano de trabalho.



Figura 1: Grupo de Comunicação na partida para o Rio Grande do Norte, em Porto Alegre.

Do dia 10 até 23 de julho os rondonistas se dirigiram as dez cidades participantes, duas instituições de ensino por município. A equipe de comunicação iniciou, então, uma intensa relação com a estrada. Foram quilômetros percorridos para que a equipe pudesse acompanhar as atividades dos rondonistas nas 10 cidades. Depois da coleta do material nos municípios, o retorno para a capital, Natal, onde hospedados no 16º Batalhão de Infantaria Motorizado, fizeram desse lugar ambiente de trabalho e lar.

Muitas oficinas, atividades culturais, cursos, ações socioambientais começaram a ser colocadas em prática e a equipe de comunicação em textos, *facecards*⁶, *tweets*⁷, vídeos, fotos, divulgava cada acontecimento. A preocupação com a técnica jornalística era constante, mas além de focar na qualidade de apresentação do material jornalístico da cobertura era necessário entender o que estava sendo registrado e, acima de tudo, que cada produto carregasse as características de um fazer jornalístico comunitário, ou seja, envolvesse a comunidade rondonista em cada produção.

Uma das propostas do grupo foi trazer em vídeo o retrato da região, o localismo, revelar as paisagens e as pessoas que a compunham, uma série que se chamou “Caminhos do Rondon”. Nela a comunidade poderia enxergar o seu lugar sendo revelado em som e imagem, e por si mesmas. Raimundo de Araújo, cidadão de Acari, município da região do Seridó, foi o personagem que apresentou a história da cidade, e a triste realidade da falta de água. José Augusto Medeiros, no mesmo vídeo, foi quem apresentou a história de Serra Negra do Norte, cidade hospitaleira, abençoada por Nossa Senhora do Ó. Para que essas histórias ganhassem forma de reportagem foi preciso conversa, pesquisa, aproximação, apesar do tempo curto, com a comunidade rondonista desses dois municípios. Trazer a cultura e os relatos da vida em Acari e Serra Negra deu a cobertura jornalística da OFRM um caráter humano, e valorizou um povo, um lugar. Assim, ultrapassou o limite da objetividade e deixou a marca da sensibilidade no envolvimento com as histórias contadas, por isso mais humano, pelo envolvimento com o outro e com o ambiente em questão. Isso, em cada episódio do “Caminhos do Rondon”.

Nessa mesma proposta de revelar a face da comunidade rondonista surge a segunda série de vídeos denominada “Perfil rondonista”. Devido a presença diversa de

⁶ Facecard: imagem para Facebook que mescla formas, imagens e texto.

⁷ Tweets: nome utilizado para designar as publicações feitas na rede social do Twitter.

alunos e professores universitários de todo canto do país essa proposta revelou as peculiaridades das regiões as quais os rondonistas pertenciam. Ou seja, nos vídeos foram exploradas as diferenças de cada região do país presente na Operação Forte dos Reis Magos, através dos rondonistas. Por exemplo, em um dos vídeos foi reproduzida uma batalha de gírias, um catarinense e uma mineira, que mora em São Paulo, falam gírias dos locais onde nasceram para que o oponente adivinhe os significados. Cultura de dois estados misturadas em um produto audiovisual e como plano de fundo uma escola do Rio Grande do Norte. Mistura de sotaques, traços, paisagens que revelam o quão plural é a comunidade rondonista.

Também, em audiovisual, foram lançados “VT’s” diários, que mostravam as atividades que os rondonistas estavam desenvolvendo nos municípios. Nesses vídeos, a palavra ficou a cargo dos rondonistas que ministravam as oficinas e da população local que participou das atividades e que recebia os rondonistas. Assim, cada produto audiovisual foi feito com a colaboração da comunidade. Além das séries de vídeo, foram produzidos boletins diários com as atividades de todos os municípios. A construção desses boletins contou com a colaboração efetiva dos rondonistas, pois cada cidade delegou um responsável por enviar à equipe de comunicação materiais para a edição dos mesmos, -como fotos, vídeos curtos e informações sobre as atividades, cursos e oficinas. Desse modo, reforça o caráter de construção conjunta dos materiais divulgados pela ComSoc (Comunicação Social) da Operação Forte dos Reis Magos. Muito além de meros espectadores ou apenas protagonistas dos produtos jornalísticos, a população local e rondonistas tiveram participação efetiva na confecção dos vídeos, e, também, dos textos, como veremos.

Uma marca dessas séries de vídeos⁸ e dos textos escritos para o site⁹ oficial do projeto foi a valorização da arte e cultura locais, pois, a equipe de comunicação encontrava em cada município pessoas que de alguma forma expressavam seus sentimentos através da arte. Poemas, canções entoadas com voz ou instrumento, deram vida aos vídeos e textos da operação. Um dos textos publicados, chamado “Serra Negra de histórias mil”, inicia com um trecho da canção entoada pela cozinheira Adalzira. Ela

⁸ Os vídeos podem ser visualizados no canal oficial do Projeto Rondon no YouTube: [youtube.com/ProjetoRondonMD](https://www.youtube.com/ProjetoRondonMD)

⁹ O endereço oficial do site do projeto no qual podem ser lidos os textos produzidos para a Operação Forte dos Reis Magos é www.projektorondon.defesa.gov.br

canta à cidade e mostra todo amor pela terra natal aos “estrangeiros” rondonistas que ali chegaram. Estes elementos culturais acrescidos aos textos, vídeos e, também, a todo material fotográfico divulgado nas redes sociais (facebook¹⁰, twitter¹¹, instagram¹²) humanizaram a cobertura jornalística da Operação Forte dos Reis Magos. Pois, além das fotos das atividades, dos rondonistas, foram divulgadas praças, monumentos, ou seja, a história e a arte do lugar, como podemos observar no exemplo de *facecard* que segue:



Figura 2: Facecard sobre a estátua do pescador, na cidade de Rio do Fogo, RN.

Na figura 2 podemos observar um *facecard*, publicado na página do facebook do Projeto Rondon, que traz um elemento histórico da cidade de Rio do Fogo, a estátua do pescador. A equipe procurou valorizar, além das atividades do projeto, traços históricos e culturais dos municípios participantes.

A produção de cada peça jornalística foi coordenada pela professora mestre da Universidade de Passo Fundo e jornalista responsável pela equipe de comunicação, Nadja Hartmann. Cada produto passou pela aprovação do coordenador de Comunicação Social do Projeto Rondon, Ministério da Defesa, na pessoa do Coronel Alexandre Scholtz.

Assim, na chegada dos aviões da Força Aérea Brasileira, no aeroporto de Natal, nas cerimônias de recepção e no passeio ao ponto turístico de Natal que deu nome à

¹⁰ Facebook: www.facebook.com/projetorondonoficial

¹¹ Twitter: twitter.com/PROJETORONDONMD

¹² Instagram: [instagram.com/projetorondonmd](https://www.instagram.com/projetorondonmd)

operação, Forte dos Reis Magos, a equipe de comunicação estava lá para registrar. Na saída dos rondonistas do exército rumo aos municípios, na chegada e recepção dos rondonistas nessas cidades, no primeiro contato, no abraço de boas-vindas, a equipe de comunicação estava lá para registrar. Na feira de saúde, no desfile de aniversário da cidade, nos cursos e oficinas que formaram multiplicadores, na sessão de cinema na praça, na limpeza da orla da praia, a equipe de comunicação estava lá para registrar. Na última noite no município, no retorno à capital para as cerimônias de encerramento e até no abraço de despedida, a equipe de comunicação estava lá para registrar. Cada sorriso, cada canto, cada paisagem, cada trabalho, o que a Operação Forte dos Reis Magos construiu em cada município participante foi registrado por lentes afiadas e por uma equipe sedenta por contar histórias reais, revelar culturas locais, mostrar multiplicadores formados e prontos para levar adiante todo ensinamento recebido e relatar a experiência de rondonistas que na bagagem trouxeram para casa muito amor, gratidão, lições de vida e de cidadania geradas pela coragem de doar um pouco do seu tempo e de conhecimento adquirido na sala de aula. O que a equipe de comunicação registrou foi a formação e a vivência de uma nova comunidade, a rondonista, da Operação Forte dos Reis Magos.

Considerações finais:

Nos 18 dias de trabalho da cobertura jornalística da Operação Forte dos Reis Magos, do Projeto Rondon, a equipe de comunicação social da Universidade de Passo Fundo se preocupou em realizar um trabalho baseado no pilar base do projeto, a promoção da cidadania. Demonstrar o efeito sociocultural que a presença dos rondonistas gera nas localidades atendidas foi um dos focos, porém, o mais importante foi registrar em cada produto jornalístico a verdadeira cara do Rondon, a face humanitária, preocupada com a população, e encorajadora de cidadãos mais cientes da função social que exercem através de suas escolhas profissionais. Os produtos realizados pela equipe de comunicação demonstraram o desejo de que a cobertura fosse voltada ao jornalismo comunitário, pois envolveu ativamente cada elemento da comunidade rondonista formada na Operação.

Desde a contribuição dos rondonistas nos vídeos boletins, até a construção das histórias dos municípios revelada através da fala dos moradores. Cada elemento apresentado nos produtos jornalísticos da Operação Forte dos Reis Magos foi inserido

tendo por foco a humanização dos vídeos, dos textos, das fotos, dos facecards e das fotos-legenda.

Toda a elaboração deste artigo me levou a concluir que o jornalismo nasceu como profissão que exerce uma função social de extrema relevância, a defesa da democracia. Na mão dos jornalistas está a oportunidade de munir a população com uma arma poderosa que os deixa livres para deliberar suas ações e suas escolhas, a informação. Se o jornalismo trabalha em prol da sociedade não há como deixar de olhar ou não dar ênfase à uma prática jornalística que valoriza as pessoas, as peculiaridades culturais e sociais de uma determinada população, de uma comunidade. O jornalismo comunitário pretende integrar profissionais e população para que juntos construam um produto jornalístico que revele, de fato, as vivências, os ideais, as necessidades, a cultura dessa comunidade. Para que as pessoas se enxerguem, verdadeiramente, nas notícias, sintam-se parte da realidade apresentada na TV, nos jornais, nas redes.

A Operação Forte dos Reis Magos do Projeto Rondon ofereceu a cada membro da comunidade rondonista a experiência de ensinar, aprender, e, em especial, se doar. Doar conhecimento, tempo, amor, cultura e muitos abraços de acolhida, tanto de quem recebeu o desconhecido em sua terra natal, como de quem chegou em um local até então desconhecido. Para a equipe de comunicação, singularmente, a oportunidade de realizar a cobertura jornalística proporcionou uma vivência diária com a prática jornalística comunitária, o fazer jornalismo se envolvendo com os atores e permitindo a eles participar da construção desse jornalismo. Novas formas de ver o audiovisual, de encaixar as palavras, de ângulos de fotos, todo esse aprendizado sendo absorvido em meio a uma intensa rotina de muita estrada percorrida, de muitos lugares a serem desbravados, de muitas histórias prontas para serem ouvidas e relatadas. Essa experiência, inigualável, acrescentou a esses futuros profissionais da comunicação uma bagagem humanitária e técnica sem igual. Este é apenas um artigo-relato que conta algumas linhas de um “livro-vida” gigantesco de narrativas vividas no Projeto Rondon.

Referências

BRASIL. Ministério da Defesa. Projeto Rondon. Disponível em <
<http://www.projettorondon.defesa.gov.br/portal/>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

GENTILLI, Victor; ODDO, Marco Vito. **O jornalismo na “Modernidade líquida”: implicações éticas da relação entre Jornalismo e “pós-modernidade”**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0905-1.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2017.

HARTMANN, Nadja Maria; MIGOTT, Ana Maria Belani. **Relatório da ComSoc para Operação Forte dos Reis Magos**. 2016.

PAIVA, Raquel. **Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático)**. In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 30, dez. 2006. P. 62-70. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3376/2641>. Acesso em: 28 jan. 2017.

PERDOMO, Nidiane Saldanha. **A função social do jornalismo no mercado de notícias**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/125969/000972046.pdf;sequence=1>. Acesso em: 31 jan. 2017.

RIBEIRO, Fernanda; ORTIZ, Daniel. **A função social do Jornalismo comunitário**. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/6/6a/GT1-_08-_A_funcao_social-_Fernanda_e_Daniel.pdf. Acesso em: 30 jan. 2017.

SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco. **Jornalismo comunitário: conceitos, importância e desafios contemporâneos**. Santos, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0507-1.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2017.

TEODORO, Deborah Cunha. **O jornalismo literário de Eliane Brum: uma reflexão sobre ética, deontologia jornalística e responsabilidade social**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1921-1.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2017.